

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM CONTABILIDADE: DA TEORIA À APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL

ENTREPRENEURIAL EDUCATION IN ACCOUNTING: FROM THEORY TO EXPERIENTIAL LEARNING

MARCIA ATHAYDE MOREIRA

Universidade da Amazônia e Universidade Federal do Pará. Endereço: Rua Augusto Correa, 1 | Guamá | 66075-110 | Pará/PA | Brasil.

<http://orcid.org/0000-0003-1859-6394>

athayde.marcia@gmail.com

NADSON JAIME FERREIRA ALVES

Universidade Federal do Pará. Endereço: Rua Augusto Correa, 1 | Guamá | 66075-110 | Pará/PA | Brasil.

<http://orcid.org/0000-0001-9348-841X>

nadson@ufpa.br

TALES ANDREASSI

Fundação Getúlio Vargas. Endereço: Av. 9 de julho, no. 2029, Ed. John F. Kennedy | Bela Vista | 01313-902 | São Paulo/SP | Brasil.

<http://orcid.org/0000-0002-7636-3014>

tandreassi@gmail.com

JORGE GUILHERME RODRIGUES BRAGA

Universidade Federal do Pará. Endereço: Rua Augusto Correa, 1 | Guamá | 66075-110 | Pará/PA | Brasil.

<http://orcid.org/0000-0003-2548-7751>

jgui.rodrigues@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi o de avaliar o alcance da utilização de práticas intervencionistas em sala de aula de Graduação do curso superior em Ciências Contábeis na sensibilização de estudantes para o uso de instrumentos contábeis aliados ao aconselhamento empresarial. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório, realizada no âmbito da aprendizagem experiencial, com alunos da Graduação em Ciências Contábeis de uma IES Pública em um período de três meses. Os resultados mostraram-se satisfatórios, o processo de sensibilização foi completo, no qual estudantes de contabilidade puderam vivenciar a dura realidade dos pequenos empreendedores, destacando a grande contribuição que a Ciência Contábil pode oferecer. Assim, conclui-se com essa pesquisa que: a educação empreendedora é efetiva e possui potencial de desenvolver competências desejáveis em jovens em formação; a aprendizagem experiencial pode ser utilizada com sucesso no âmbito da educação empreendedora; a discussão sobre a educação empreendedora e o desenvolvimento de pequenas empresas brasileiras precisa envolver a contabilidade; e a combinação de educação empreendedora e prática experiencial pode reestruturar a prática docente com metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

Submissão em 11/07/2019. Revisão em 05/09/2019. Aceito em 06/01/2020. Publicado em 19/02/2020.

Palavras-chave: Educação empreendedora. Contabilidade empreendedora. Práticas intervencionistas. Aprendizagem experiencial. Ciências Contábeis.

ABSTRACT

The objective of this study was to evaluate the extent of using interventionist practices to increase student's awareness during undergraduate Accounting Sciences classes with regard to the use of accounting tools associated with business counseling. The methodology used is qualitative, exploratory research on experiential learning, with accounting students from a public HEI for a three-months period. The results were adequate, the awareness process was complete since the students managed to experience the challenges of small business owners, emphasizing the aid that accounting sciences could offer. This study concludes that: entrepreneurial education is effective and can develop desirable skills in young minds; experiential learning can be used successfully in entrepreneurial education; the debate about entrepreneurial education and the development of small business must involve accounting; and the interdisciplinarity between entrepreneurial education and experiential practice can restructure the teaching practice with active teaching-learning methodologies.

Keywords: *Entrepreneurial education. Entrepreneurial accounting. Interventionist practices. Experiential learning. Accounting.*

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem discutido o papel do profissional de Contabilidade como fonte de informação e aconselhamento gerencial para empreendedores de pequenas empresas (Blackburn, Carey & Tanewski, 2018; Cherry, McGrath & Baumann, 2018; Cherry, 2016; Carey & Tanewski, 2016; Kamyabi & Devi, 2011). Observa-se que, no Brasil, o profissional de contabilidade é uma figura obrigatória diante das exigências legais, o qual, a despeito da necessidade de relacionamento provocada por imposições legais, possui potencial de estimular um desempenho gerencial superior por meio da orientação empresarial: geração de informações para tomada de decisão, medição do desempenho e acompanhamento dos resultados do negócio, transferência de conhecimento e aconselhamento pessoal e profissional (Carey, 2015; Kirsten, Vermaak & Wolmarans, 2015; Blackburn, Carey & Tanewski, 2018; Bennett & Robson, 2005).

No Brasil também se inicia uma discussão sobre o papel do contador no auxílio às pequenas empresas. Matias e Martins (2012) observam que o empreendedorismo para os profissionais de contabilidade ainda é um tema que necessita ser instigado. Os contadores, por meio do acompanhamento que realizam, conseguem ter uma visão macro da empresa, e, a partir deste ponto, ter melhor percepção sobre como orientar o empreendedor em uma tomada de decisão, assim como orientar sobre controles financeiros e não-financeiros que lhe possam ser úteis. De acordo com Crepaldi (2008), a contabilidade pode fornecer instrumentos aos administradores de empresas para auxiliá-los em suas funções gerenciais, favorecendo a utilização dos recursos econômicos e o adequado controle dos recursos da entidade. No entanto, Matias e Martins (2012) observam que é fundamental que o próprio profissional de contabilidade potencialize seus conhecimentos em gestão. Além disso, é necessário que compreenda sua função no auxílio ao desenvolvimento empreendedor, e que, por meio de suas ações, consiga entusiasmar os empresários com quem trabalha, para uma melhor gestão empresarial.

Cabe ressaltar as pesquisas de Athayde e Carvalho (2012), as quais abordam que a classe contábil possui o poder de influência e motivação sobre os empresários brasileiros, assumindo, dessa forma, relativa importância e responsabilidade no desenvolvimento deles, mas, em contraponto, Santos, Vasconcelos, Colares e Moreira (2015) observaram em pesquisa realizada

que os profissionais de contabilidade ainda se encontram apenas parcialmente preparados para apoiar os empreendedores brasileiros, sendo necessário maior conscientização e maior empenho por parte desses profissionais no auxílio à sustentabilidade e sobrevivência das empresas.

Nesse contexto, estudos de Matias, Colares, Rocha e Carvalho (2013) apontam que a Graduação é etapa mais apropriada para disseminar e intensificar estudos sobre o empreendedorismo, período em que o indivíduo se encontra em construção acadêmica e fase inicial da vida do profissional em contabilidade. Matias *et al.* (2013) reforçam que a introdução do tema empreendedorismo no curso de Graduação é essencial para o ensino firmar as bases devidamente avaliadas e adaptadas às Ciências Contábeis e à atuação do profissional de Contabilidade. Essa transformação de mentalidade possibilitará um efeito na sensibilização e amadurecimento do profissional contábil, com benefícios para si, para as empresas com quem trabalha e, certamente, para a sociedade da qual ele faz parte (Matias *et al.*, 2013). Orientados durante a Graduação, estudantes de Ciências Contábeis podem se formar com mentalidade de contadores empreendedores, aconselheiros, consultores, capazes de utilizar as ferramentas e os instrumentos da contabilidade no estímulo a melhores práticas de gestão empresarial, para minimizar falhas na gestão dos empreendimentos, por meio da atenção e da disseminação dos conhecimentos que fortaleçam a ação empreendedora e minimizem a morte precoce de pequenas empresas no Brasil (Matias & Martins, 2012).

Nesse cenário, o objetivo desta pesquisa foi o de avaliar o alcance da utilização de práticas intervencionistas em sala de aula de Graduação do curso superior em Ciências Contábeis na sensibilização de estudantes para o uso de instrumentos contábeis aliados ao aconselhamento empresarial. Tendo como enfoque teórico estudos recentes que tratam da educação empreendedora e do papel do profissional de contabilidade como aconselhador gerencial.

Essa pesquisa se justifica por algumas razões. Em todo o mundo, estudos empíricos demonstram a importância e o uso do aconselhamento gerencial realizado por contadores para pequenas empresas. Estudos revelam que os profissionais de Contabilidade são fornecedores confiáveis de serviços de consultoria e apoio gerencial para pequenas empresas, não somente prestando serviços para atendimento à legislação tributária e societária, mas atendendo requisitos e exigências da contabilidade financeira e atuando como aconselheiros frequentes em pequenas empresas (Blackburn *et al.*, 2018; Cherry *et al.*, 2018; Cherry, 2016; Carey & Tanewski, 2016; Kirsten *et al.*, 2015; Carey, 2015; Kamyabi & Devi, 2011; Samujh & Devi, 2008, Blackburn *et al.*, 2010). O Brasil também deve se envolver nessa discussão e esperam-se efeitos práticos na sociedade. Estudantes sensibilizados e engajados no auxílio gerencial de pequenas e médias empresas (PME) brasileiras podem de fato contribuir para a redução da mortalidade destas.

Espera-se com a divulgação desta pesquisa contribuir para a discussão sobre o papel da contabilidade no desenvolvimento das pequenas empresas, além de suscitar novas ideias para a prática de disciplinas intervencionistas em sala de aula, visando o desenvolvimento profissional e a aproximação de estudantes de contabilidade com a realidade das empresas brasileiras.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

2.1 Aconselhamento gerencial realizado por contadores

Blackburn *et al.* (2010) sugerem três pontos que aproximam o profissional de contabilidade do empreendedor: expertise em gestão; confiança; proximidade; e capacidade de resposta. Cherry (2016) investigou a relação de confiança travada entre empreendedores e seus contadores e, em seus achados, observou que a confiança do cliente recai na expectativa de que o seu contador atue em favor de seus interesses e não se aproveite de suas vulnerabilidades, além da confiança no relacionamento entre contadores e seus clientes. Destaca a confiança como uma função do tempo de relacionamento comercial entre empreendedor e contador, do contato face a face e do nível de preocupação do contador com a empresa. Além disso, no aspecto profissional, a confiança do

empreendedor no contador está pautada na amplitude da assistência prestada, inclusive na amplitude dos serviços não obrigatórios oferecidos, como os serviços de aconselhamento para a gestão.

Em outra pesquisa, Blackburn *et al.* (2018) testaram um modelo capaz de explicar a intenção de compra de serviços de consultoria de contadores e reforçam a ideia de que o relacionamento e a confiança travada foram os fatores com maior peso na decisão. Blackburn *et al.* (2018) e Cherry *et al.* (2018) também validaram três modelos envolvendo fatores de confiança no relacionamento entre contadores e pequenas empresas, sendo que os resultados determinantes da confiança nos modelos testados reforçaram a importância das variáveis relacionadas à pessoa ou à intimidade do cliente (Cherry *et al.*, 2018). Destaca-se, ainda, a pesquisa de Carey e Tanewski (2016) sobre antecedentes para a aquisição de serviços de consultoria empresarial de profissionais de contabilidade por empreendedores. Os resultados apoiaram as hipóteses de que, após reduzir a assimetria de informação e a incerteza em relação à competência do contador externo como consultor de negócios, as pequenas empresas têm mais probabilidade de comprar consultoria empresarial do seu contador externo.

Alguns estudos discutem o sucesso de empresas que utilizam o aconselhamento gerencial. Kamyabi e Devi (2011) realizaram um estudo no Irã, cujo objetivo foi observar os fatores que influenciam a decisão de pequenas empresas em obter serviços de aconselhamento de contadores externos e seu impacto no desempenho. Como resultado, observaram que o uso de serviços de consultoria de um contador externo está positivamente relacionado à intensidade competitiva na qual a empresa está inserida. Mais importante, o estudo examinou a relação entre o uso de serviços de aconselhamento e o desempenho das pequenas empresas, e descobriu que o desempenho da empresa melhora na medida do uso do contador externo como consultor. Nesse sentido, destacam-se ainda os resultados empíricos da pesquisa conduzida por Carey (2015), os quais confirmaram que as empresas que compram consultoria empresarial apresentam desempenho superior. Carey (2015) observou que a aquisição contínua de conhecimento e a geração de uma expertise distinta têm sido a base da vantagem competitiva de um contador externo em relação a outros profissionais de consultoria.

Apesar das evidências, Kirsten *et al.* (2015) observaram, na África do Sul, que apesar da competência dos contadores para estruturar medidas de controle de desempenho e aconselhamento, eles não desenvolvem medidas de controle para seus clientes, embora percebam que foi benéfico para as empresas, demonstrando uma outra percepção, a da falta de interesse muitas vezes dos próprios profissionais de contabilidade em agregar valor aos serviços já prestados. Nessa linha, Samujh e Devi (2008) observaram na Malásia que os contadores precisam desenvolver novas habilidades e entendimentos para fornecer aconselhamento aos empreendedores. Para atuar como consultores de negócios e fornecer apoio efetivo às pequenas empresas, contadores precisam repensar seu papel como uma forma de ajudar no empoderamento, e não apenas entregar serviços de natureza obrigatória.

No Brasil, a pesquisa de Santos *et al.* (2015) também demonstrou que os profissionais da contabilidade têm amplo potencial de auxílio, sobretudo nos aspectos tributários e de análise financeira e de custos, contudo, a investigação ainda sinaliza que é necessário maior conscientização e maior empenho por parte desses profissionais em atualizar o conhecimento sobre contabilidade de gestão para poderem auxiliar na sustentabilidade e sobrevivência das empresas com quem trabalham. Diante das evidências, iniciar o processo de sensibilização para atuação empreendedora do profissional de contabilidade na graduação é essencial.

2.2 Educação empreendedora na Graduação e a Contabilidade

Matias e Martins (2012) observam que, para que ocorra uma intermediação entre o contador e o empreendedor, a respeito de aconselhamentos, é fundamental que o próprio contador potencialize seus conhecimentos e habilidades empreendedoras, que entenda o processo de visão,

criatividade e tomada de decisão. E para isso, se faz necessário o desenvolvimento da educação empreendedora (EE) ainda na fase de formação do profissional de Contabilidade.

No entanto, cabe ressaltar que a EE, de modo geral, é relativamente recente no Brasil. São datados os primeiros registros da década de 1980 e, prioritariamente, está sendo desenvolvida no âmbito das Ciências Administrativas (Pedroso, Brito & Caggy, 2017), na qual se concentra quase a totalidade de debates acadêmicos nacionais sobre EE (Rocha, Bacchi, Guerra, Rôla & Pinheiro, 2011; Rodrigues, Melo & Lopes, 2014; Brants, Oliveira, Casemiro, Licório & Reboli, 2015), necessitando ainda que o debate sobre a importância da educação empreendedora em contabilidade seja estimulado.

De acordo com Silva e Pena (2017), a EE deve preparar os estudantes com conhecimentos, habilidades e atitudes para se defrontarem com os desafios de criação, condução e expansão de negócios, a partir do desenvolvimento de competências-chave do empreendedorismo, como a criatividade e a inovação, assim como a habilidade de planejar e gerenciar projetos com o propósito de alcançar objetivos, fazer previsões, assumir riscos, persistir, lidar com conflitos, adquirir autocontrole, aprender com a tomada de decisão, erros e acertos, trabalhar em equipe, formar rede de relacionamentos e administrar o negócio de forma sustentável (Edokpolor & Somorin, 2017; Rocha & Freitas, 2014; Elmuti, Khoury, & Omran, 2012; Knotts, 2011; Cheung & Au, 2010; Ilander, 2010; Ruskovaara, Pihkala, Rytkölä, & Seikkula-Leino, 2010). Além de aprimorar habilidades como a linguagem e a comunicação que, para Jhonstone *et al.* (2018), são habilidades vitais para aumentar a legitimidade, confiança e conscientização no intuito de reforçar o respeito mútuo entre negócio e cliente.

Assim, Silva e Pena (2017), Morris, Webb, Fu e Singhal (2013) e Graevenitz, Harhoff e Weber (2010) refletem que a EE deve ser capaz de estimular habilidades específicas como a inovação, a criatividade, reflexões e ações para desenvolver o lado crítico, social e de liderança no estudante, possibilitando transformar estudantes em empreendedores de sucesso. Nesse sentido, Passoni e Glavam (2018) observaram que estudantes de Contabilidade submetidos a programas de EE têm índices de intenção empreendedora maiores do que aqueles que não estudaram por tal método.

Cabe destacar ainda o estudo de Loi, Castriotta e Guardo (2016), os quais observaram pesquisas em torno de cinco temas centrais em educação empreendedora: (i) introspecção – o estado da educação para o empreendedorismo dentro dos contextos universitários com foco na melhoria da qualidade dos estudos e tentativas de entender o impacto dos cursos sobre indivíduos e sociedade; (ii) intenções empreendedoras – compreensão dos antecedentes de intenções empreendedoras ou reconhecimento de oportunidades, como um processo intencional; (iii) pedagogia – reflexões sobre os métodos e abordagens para o ensino de empreendedorismo e o estado deste como disciplina; (iv) aprendizagem empresarial – estruturas de conhecimento consideradas como um construto central que permite entender o comportamento empreendedor; e (v) avaliação – investigação da literatura focada na educação empreendedora e dos resultados da educação empreendedora em si.

Especificamente sobre a pedagogia, Loi *et al.* (2016) constataram que a experiência empreendedora é uma das principais premissas para criar cursos de empreendedorismo. A base é a identificação de oportunidades, o que requer o desenvolvimento de uma ampla gama de habilidades no aluno. Os constructos-chave da formação empreendedora são: emoções (Shepherd, 2004), criatividade (DeTienne & Chandler, 2004; Hood & Young, 1993) e a capacidade de gerenciar incertezas e eventos imprevisíveis (Neck & Greene, 2011). Mais recentemente, foi identificada a importância de considerar o empreendedorismo social como fenômeno que requer a integração de habilidades gerenciais para lidar com objetivos sociais e comerciais (Tracey & Phillips, 2007).

Nesse estudo, defende-se a EE em Contabilidade a fim de que ela exerça seu papel primordial na sensibilização dos profissionais da área para a assistência empresarial, isso, pois, para Laffin (2009; 2015), as diretrizes curriculares do curso de ciências contábeis levam os

estudantes a um perfil estritamente técnico-operacional, em contraponto às características preconizadas na literatura, necessitando que os estudantes de Contabilidade desenvolvam competências (conteúdos, habilidades e atitudes) inerentes à profissão contábil para se formarem como bons profissionais. E, em vista disso, Matias *et al.* (2013) fortalecem que a introdução do tema empreendedorismo no curso de Graduação em Ciências Contábeis é essencial, para a transformação de mentalidade que se espera desses estudantes. O desafio é a escolha de técnicas de ensino-aprendizagem adequadas para estimular e fortalecer tantas características desejadas.

2.3 Metodologias ativas para educação empreendedora

Conforme Araujo e Davel (2018), a EE instiga reflexão sobre os currículos das Escolas de Administração e o desenvolvimento da sociedade como um todo. Mas ainda não se dispõe de uma visão atual e consolidada sobre a EE, são conhecimentos fragmentados e dispersos, por serem diversos grupos de fatores que despertam o interesse sobre o assunto e por se difundirem em abordagens de várias áreas do conhecimento, necessitando de pesquisas teoricamente bem fundamentadas em abordagens críticas (Fayolle & Liñán, 2014).

Nesse sentido, encontram-se contradições na literatura. Solomon, Duffy e Tarabishy (2002) destacam algumas técnicas para ensino da EE, tais como consultoria prática com empreendedores, entrevistas com empreendedores, casos reais, entre outras metodologias ativas de ensino. Todavia, Lautenschläger e Haase (2011) argumentam que existem aspectos do empreendedorismo inviáveis de serem ensinados, tais como: criatividade, inovação, tomada de decisão, proatividade e propensão ao risco, por serem aspectos que ainda não se encontram devidamente respaldados por métodos de ensino adequados. Por sua vez, Yusoff, Zainol e Ibrahim (2015) defendem que a capacidade empreendedora pode ser ensinada e entendida por qualquer pessoa, contrariando o entendimento de que seria uma habilidade inata ao ser humano.

Higgins, Smith e Mirza (2013), Peterson e Limbu (2010) e Ruskovaara *et al.* (2010) atestam que os métodos pedagógicos tradicionais de aprendizagem são insuficientes para desenvolver empreendedores. A aula tradicional expositiva pode ser utilizada para repassar aspectos teóricos e culturais do empreendedorismo, mas os demais aspectos da ação empreendedora precisam recorrer a métodos e recursos pedagógicos mais dinâmicos. Nesse sentido, as metodologias ativas se apresentam como alternativa para formar profissionais proativos e capacitados para trabalhar no contexto sócio-histórico da contemporaneidade, caracterizada pela fluidez e incerteza, de onde emerge a imprevisibilidade. Tais demandas exigem do docente nova postura, nova relação com o conhecimento e com os sujeitos da aprendizagem (Bauman, 2009).

Nesse contexto, cabe resgatar Diesel, Baldez e Martins (2017), os quais destacam que os princípios das metodologias ativas remetem às principais teorias de aprendizagem, tais como: a aprendizagem pela interação social, preconizada por Lev Vygotsky (1896-1934), a aprendizagem pela experiência, de John Dewey (1859-1952), a aprendizagem significativa de David Ausubel (1918-2008), bem como a perspectiva freiriana da autonomia de Paulo Freire (1921-1997).

O método ativo é um processo que visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor apenas o mediador desse processo, desenvolvendo atitudes que favoreçam a motivação e promovam a autonomia, por meio da escuta aos estudantes e valorização de suas opiniões (Berbel, 2011); exercitando a dúvida e a cooperação, encorajando-os para assumir riscos com responsabilidade (Yusoff *et al.*, 2015).

Para Diesel *et al.* (2017), as metodologias ativas são baseadas em sete princípios: (i) aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem; (ii) autonomia; (iii) reflexão; (iv) problematização da realidade; (v) trabalho em equipe; (vi) inovação; (vii) professor na função de mediador, facilitador e ativador.

Nessa perspectiva, diversos processos pedagógicos têm sido aplicados na criação das atividades educacionais de formação em empreendedorismo: palestras, recomendações de leituras, estudos de caso, e resolução de casos reais, visita a empresas, *brainstorming*, simulações e projetos

desenvolvidos em grupos, assim como planos de negócios, entrevistas com empreendedores, uso de filmes e jogos sobre empreendedorismo (Rocha & Freitas, 2014; Ruskovaara *et al.*, 2010; Solomon *et al.*, 2002). Prezando por um refinamento e uma conexão efetiva entre teoria e prática (Fiet, 2001), além de promover conexões entre as experiências de *startup* e o que um aluno pode aprender em livros didáticos (Edelman, Manolova & Brush, 2008).

Assim, a efetividade da educação empreendedora é, em grande parte, relacionada às habilidades do professor e ao uso de métodos apropriados ao tema (Arasti, Falavarjani & Imanipour, 2012). Blenker, Elmholdt, Frederiksen, Korsgaard e Wagner (2014) destacam que a EE é heterogênea e deve ser ensinada por variadas perspectivas teóricas e diversos métodos de ensino para fomentar uma ação desafiante.

Mas, curiosamente, aulas expositivas, exercícios e trabalhos individuais ainda são as estratégias de ensino mais usadas pelos docentes na educação empreendedora (Vieira, Melatti, Oguido, Pelisson & Negreiros, 2013; Rocha *et al.*, 2011). O desenvolvimento do plano de negócios é dominante nos cursos de empreendedorismo nas universidades e nos centros de empreendedorismo brasileiros enquanto estudos de casos e os jogos e simuladores de empresas, apesar de importantes, são pouco utilizados (Vieira *et al.*, 2013; Rideout & Gray, 2013; Rocha *et al.*, 2011), sendo a palestra uma metodologia mais comum do que a simulação de negócios, dramatizações e estudos de caso (Yusoff *et al.*, 2015). Adicionalmente, estudos relatam deficiências didático-pedagógicas na formação (Vieira *et al.*, 2013; Rocha *et al.*, 2011); descompasso entre teoria e prática (Guimarães & Lima, 2016; Lima, Lopes, Nassif & Silva, 2015); e a ausência de suporte institucional (Lima, Nassif, Lopes & Silva, 2014; Rodrigues *et al.*, 2014).

Araujo e Davel (2018) alertam ainda para o estabelecimento de uma EE padronizada que capacita o estudante para ser empreendedor preparado para abrir e gerenciar um negócio próprio, e não para aprender a empreender com suas potencialidades e a levar estes ensinamentos para a vida e para o que ele quer ser profissionalmente. Isso o aproxima mais da noção de empresário do que de empreendedor inovador. Por isso os autores questionam os desafios e perspectivas da EE a longo prazo.

Nesse sentido, pesquisas sobre educação empreendedora precisam avançar, pois um processo de ensino formatado apenas no desenvolvimento de plano de negócios representa uma concepção limitada do que é empreendedorismo, principalmente no desenvolvimento da contabilidade empreendedora, onde as características empreendedoras devem ser canalizadas para a assistência e o aconselhamento gerencial, para o suporte e o desenvolvimento de outros empreendimentos/empreendedores.

Araujo e Davel (2018) propõem, no mínimo, três desafios que podem orientar o futuro da pesquisa em EE. O desafio contextual trata do empreendedorismo como parte de um processo diversificado de profissionalização da cultura e da procura por novos negócios alinhados a economia criativa e cultural; o desafio conceitual aborda o empreendedorismo como prática, processo e construção social, em que a aprendizagem empreendedora, por meio da prática, contribui na formação e desenvolvimento pessoal do indivíduo; e o desafio pedagógico, o qual discute a pedagogia da experiência, em que o conhecimento é concebido por meio da vivência e reflexão das ações, como discutido por Krakauer, Santos e Almeida (2017).

3 METODOLOGIA

3.1 Classificação, população de pesquisa e técnica escolhida

Com base nos ensinamentos de Flick (2009), trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório, realizada por dentro de uma disciplina de campo denominada “Extensão em Análise de Custos”, com carga horária de 30 horas/aula distribuídas em um encontro de duas horas por semana em um semestre letivo. Participaram da pesquisa 68 alunos do 4º período

da graduação do curso de Ciências Contábeis de uma IES Pública situada no estado do Pará, entre setembro e dezembro de 2018.

A metodologia escolhida para a abordagem empírica da pesquisa foi a aprendizagem experiencial, conforme preconizado por Kolb (1984) e defendida por Krakauer *et al.* (2017) como tema de fronteira no estudo da educação empreendedora, e por Leal, Miranda e Nova (2017) como uma metodologia ativa de aprendizagem que valoriza o conjunto de habilidades proporcionadas pelo contato com a realidade. Na visão de Leal *et al.* (2017, p. 19) “[...] o contato com a prática permite o desenvolvimento de projetos, a resolução de problemas, oportuniza o desenvolvimento pessoal e a administração de conflitos e favorece a análise da mudança social”.

Por fim, resgatam-se os pressupostos de Kolb (1984): (i) a aprendizagem é melhor concebida como um processo, e não em termos de resultados; (ii) todo aprendizado é um reaprendizado e, tem importantes implicações na educação; (iii) a aprendizagem requer a resolução de conflitos entre modos de adaptação ao mundo dialeticamente opostos; (iv) a aprendizagem é um processo holístico de adaptação, envolve pensamento, sentimento, percepção e comportamento; (v) aprendizagem envolve transações (interações) sinérgicas entre as pessoas e o meio no qual estão inseridas; e (vi) a aprendizagem é o processo de criar um conhecimento resultante da interação entre o conhecimento social e o conhecimento pessoal.

Assim, a escolha pela aprendizagem experiencial para o desenvolvimento desta pesquisa ocorreu por se acreditar que o contato dos estudantes de contabilidade com a realidade dos pequenos empreendedores e seus problemas de gestão, frente ao desafio de compreender a dinâmica empresarial e propor ferramentas contábeis para auxiliar na gestão, promoveria de forma adequada a sensibilização, o uso de instrumentos contábeis e a necessidade de aconselhamento empresarial por parte dos estudantes. Nesta pesquisa os nomes dos alunos foram omitidos para salvaguardar suas independências, tendo sido as citações realizadas apenas com as iniciais de cada nome.

3.2 Delineamento da pesquisa de campo

Durante agosto de 2018, foi divulgado, aleatoriamente, em grupos de Whatsapp, uma chamada com a seguinte expressão “Formulário de inscrição para recebimento de uma consultoria em análise de custos”. Ao abrir a mensagem, empreendedores se depararam com a possibilidade de receber, pelo período de três meses, uma consultoria a ser realizada por alunos, sob supervisão da professora da disciplina. Trata-se de um formulário, onde as primeiras questões tinham como propósito levantar dados sociais do empreendimento e seu empreendedor, seguidas de questões que tratavam de suas maiores dificuldades na gestão do negócio, um terceiro bloco para avaliar o relacionamento entre o empreendedor e seu contador, um quarto bloco contendo sobre ciência acerca da assistência e seu prazo e autorização para uso de dados agregados, e ao fim, a possibilidade de deixar nome, endereço e telefone, e uma mensagem com os motivos pelo qual desejava receber a consultoria. Após a fase de divulgação, a professora fez contato pessoalmente com os interessados, a fim de confirmar o interesse em receber a consultoria.

Uma vez vencida a etapa de seleção de empreendimentos, os alunos em sala de aula foram orientados quanto à importância da contabilidade empreendedora e seu papel no desenvolvimento social. Com relação à necessidade do desenvolvimento de uma relação mais próxima entre contadores e empreendedores, foram utilizadas técnicas e instrumentos contábeis e de aconselhamento gerencial para melhorar o processo de gestão e a sobrevivência das organizações. Essa foi a etapa inicial de sensibilização, ainda em sala de aula.

Divididos em grupos de 4 ou 5 alunos, cada grupo recebeu “seu empreendimento” para trabalhar, em um processo democrático, no qual foi levado em consideração o endereço do empreendimento, o ramo de negócio e as motivações dos empreendedores, e assim os grupos puderam escolher os empreendimentos com quem queriam trabalhar.

Em sala de aula, já em formação e com os dados de cada empreendimento, na primeira etapa dos trabalhos, os grupos receberam um roteiro de atendimento, contendo:

- a) inicialmente um roteiro para diagnóstico inicial do nível de estruturação do pilar econômico-financeiro do empreendimento, incluindo problemas relacionados a custos, formação do preço de venda, gestão do capital de giro, ponto de equilíbrio e tributação;
- b) levantamento de informações mais específicas da empresa, tais como principais produtos, regime de tributação, nível de formalização, forma de relacionamento com colaboradores, fornecedores e clientes; e
- c) priorização dos principais problemas e desejos dos empreendedores acerca dos pontos a serem atendidos durante o período de consultoria.

Todos os grupos foram a campo, visitaram os empreendimentos e retornaram para a sala de aula com o diagnóstico e a lista dos problemas a serem atendidos. Após a primeira fase de visitas e sensibilização, as percepções do campo, os sentimentos e os problemas foram socializados por todos os estudantes em um seminário inicial da disciplina.

A segunda etapa dos trabalhos foi realizada com o auxílio da professora da disciplina, foram elaborados de forma customizada, por empreendimento, roteiros de apuração e análise de custos e resultados, para o cálculo do ponto de equilíbrio e análises da carga tributária de empresas e seu impacto nos custos, entre outros instrumentos da Contabilidade, customizados para a pequena empresa e adaptados ao ramo de atividade. Esta etapa envolveu dinâmicos trabalhos em grupo, estudos individuais sobre a construção, uso e análise de ferramentas da contabilidade, socialização de conhecimento intra e entre os grupos, com rodadas semanais de apresentação dos instrumentos construídos, até que todos os grupos estivessem aptos a voltar para o campo para a coleta de dados.

Assim, a terceira etapa dos trabalhos consistiu em nova visita aos empreendimentos, agora para apresentar os instrumentos elaborados e realizar a coleta de informações *in loco*, para levantamento e análise dos resultados. Novamente, os sentimentos, problemas, soluções e percepções sobre a dificuldade de empreender foram socializados por todos os estudantes em um novo seminário da disciplina.

Por fim, os estudantes receberam um roteiro para a confecção de um relatório de consultoria, o qual foi entregue para a professora, e após pequenos ajustes, entregues para os empreendedores, com os resultados das análises realizadas durante o período trabalhado, encerrando-se assim os trabalhos.

Durante três meses de acompanhamento das atividades, foram colhidas evidências do comportamento dos alunos por meio da observação em sala de aula, além de depoimentos orais e escritos, assim como documentos gerados pelos alunos durante o período da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das empresas que se interessaram pelo projeto, em número de 25 participantes, 73% eram do setor de comércio, 23% do setor de serviços e 4% da indústria. Quando considerado o tipo de formalização, 33% eram microempreendedores individuais (MEI), 33% microempresas, 7% pequenas empresas e 27% eram de empreendimentos não formalizados.

Quando questionados acerca do motivo que os levaram a abrir seu próprio negócio, três foram os mais recorrentes entre os participantes: desejo de ter o próprio negócio para se realizar; enxergou uma boa oportunidade de negócio para empreender; e, situações de desemprego onde vi no empreendimento uma oportunidade para ganhar dinheiro.

Foram questionados sobre quais as principais dificuldades encontradas na condução das atividades após a abertura dos empreendimentos, e as principais respostas foram: dificuldade para administrar o caixa do empreendimento; dificuldades para separar as contas pessoais do resultado do negócio; dificuldade para apurar os custos e os resultados; e dificuldades para planejar o futuro e cumprir o planejamento realizado.

Dadas as respostas, ficou claro o papel dos contadores no auxílio empreendedor, na medida em que, entre as principais dificuldades na condução do empreendimento, a contabilidade, por meio do conhecimento e das ferramentas, poderia estar presente.

Na sequência, a fim de demonstrar para os estudantes de forma empírica como tem se dado a relação entre o contador e os empreendedores, questionou-se sobre quais informações são mais solicitadas para a Contabilidade, e as respostas indicaram que são mais requisitados a folha de pagamento e guias de impostos.

Com estas respostas, os estudantes puderam analisar que, a despeito de a Contabilidade possuir os instrumentos e o conhecimento necessários para suprir as deficiências de gestão dos empreendedores, estes nem sabiam desse potencial, e só conseguiam ver os contadores como emissores de guias de impostos e de folha de pagamento. Uma dura realidade que provocou grandes reflexões em sala de aula sobre a contabilidade empreendedora e seu papel no auxílio à gestão das pequenas empresas. A falta de visão acerca do potencial de apoio do profissional de Contabilidade às MEI também foi relatada na pesquisa de Cardoso, Bernardo e Moreira (2019).

Após a ligação realizada pela professora com explicação dos detalhes dos trabalhos a serem desenvolvidos, catorze empresas permaneceram no projeto, sendo que dezesseis desistiram.

Como resultados iniciais das visitas de campo para diagnóstico, os alunos retornaram com o diagnóstico da situação do empreendimento e os elementos de gestão a serem priorizados. Pode-se afirmar que a sensibilização foi imediata, a partir do depoimento de uma aluna sobre a atuação do empreendedor:

todos do grupo notaram que a escola [...] funciona com muita dificuldade financeira, mas também funciona com muita dedicação à educação, em especial a Professora [...], proprietária e responsável pela escola, que ama o que faz, e o faz com excelência. Nos vimos com a grande responsabilidade de “dar um gás” a essa empresária e também mostrar onde é possível fazer melhorias para a empresa crescer e seguir adiante (NPRL, 2018).

Em outro depoimento:

a atividade realizada permitiu diagnosticar aspectos positivos e negativos na gestão da empresa [...], que necessita melhorar seu desempenho nas áreas de formação preço, análise das receitas e despesas, utilizar-se do princípio da entidade, separação de receitas e despesas dos respectivos segmentos presentes na loja e análise do fluxo de caixa. São muitas as necessidades de gestão (ACOB, 2018).

Outro grupo observou:

a partir dos dados obtidos observei que o proprietário mistura as despesas da empresa com as despesas pessoais, fazendo altas retiradas para pagar despesas pessoais, como: cartão de crédito, parcela do carro, condomínio, parcela do apartamento, entre outras. Isso acaba por diminuir seu resultado mensal, além de ferir o princípio da entidade, que diz que deve haver a distinção do patrimônio da empresa com o patrimônio pessoal do proprietário (KSV, 2018).

Os depoimentos acima, obtidos nos relatórios de diagnóstico e análise, demonstram as constatações experienciais vividas pelos estudantes quando defrontados com a realidade do pequeno empreendedor. As dificuldades observadas já foram amplamente relatadas na literatura acerca de sobrevivência de pequenas empresas no Brasil (Matos, 2018; Mahamid, 2012; Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas [SEBRAE], 2014; Degen, 2005), mas a possibilidade de atestar presencialmente as dificuldades dos empreendedores suscitou nos estudantes a vontade de trabalhar para ajudar na resolução de problemas, muitas vezes até simples, mas inalcançáveis para pequenos empreendedores com pouco ou nenhum conhecimento gerencial,

como no depoimento a seguir “a empreendedora demonstrou desconhecimento do seu regime tributário. Não sabe apurar o resultado corretamente, não sabe, de fato, quais são seus custos” (FS, 2018).

O que no início foi visto com desconfiança pelos alunos, tornou-se uma atividade prazerosa e desafiadora para eles. Entre os problemas de gestão que eles diagnosticaram, e, portanto, tiveram que estudar e preparar instrumentos para auxiliar os empreendedores no controle, se destacam: desconhecimento do cálculo do ponto de equilíbrio e da margem de segurança; desconhecimento da demonstração do resultado do exercício pela margem de contribuição; ausência de levantamento dos custos e das despesas totais; desconhecimento do custo unitário de cada produto; necessidade de orientação para formalização do empreendimento; necessidade de estruturar uma planilha de resultado; necessidade de auxiliar o empreendedor no processo de organização de documentos; ausência de planejamento de receitas, despesas e investimentos; dificuldades de separação entre as contas da empresa e as contas pessoais do empreendedor; desconhecimento da importância para os custos e do cálculo da depreciação dos ativos.

Todos os achados proporcionaram debates em sala de aula, além de ações de cooperação entre os estudantes, na transferência de planilhas eletrônicas, auxílio para utilização do Excel e estudos em grupo para análise dos resultados encontrados.

Assim, ao final do período experiencial de três meses, os resultados foram surpreendentes, o processo de sensibilização foi completo, no qual estudantes de contabilidade puderam vivenciar a dura realidade dos pequenos empreendedores, e muitas vezes sofrer com eles pela incapacidade de poder auxiliar, seja pela crítica situação financeira na qual a organização se encontra, seja pelo baixo nível de estudos formais, impedindo que o empreendedor compreenda a linguagem dos negócios.

Como é possível avaliar no depoimento de dois alunos:

o projeto proporcionou à equipe uma experiência muito diferente do que vivenciamos em sala de aula no que se refere à Contabilidade e análise de custos, podemos afirmar que até mesmo com gestão em si, de certa forma [...] as situações reais trazem elementos que muitas vezes não são considerados no âmbito acadêmico, o que dificulta o alcance de um determinado resultado, no entanto, aumenta consideravelmente o grau de aprendizado do futuro profissional que lidará com situações muito provavelmente mais complexas no exercício da profissão (JP, 2018).

A proposta desta disciplina de extensão foi de grande importância para a formação acadêmica e profissional do grupo, uma vez que ao aplicarmos os conhecimentos teóricos e práticos, percebemos a quantidade de variações que um profissional vivencia quando está disposto a ajudar na melhoria do desempenho do empreendimento. De fato, diferenciar-se nas ações e possuir comprometimento custa muito ao profissional que quer exercer com competência suas atividades, exigindo deste, uma formação técnica, ética, e social, para lidar com situações adversas que podem surgir durante a vida profissional. Portanto, é necessário ter um objetivo a ser realizado no conjunto “empreendedor e contador”, para que os resultados sejam satisfatórios a ambas as partes (KSM, 2018).

Dessa forma, com a realização das atividades de campo, os estudantes de Contabilidade foram estimulados a desenvolver suas competências – conhecimentos, habilidades e atitudes. Conhecimento ao precisarem estudar para propor soluções, habilidades, no desenvolvimento de ferramentas gerenciais, e atitudes, para a lide junto aos empreendedores, como preconiza Laffin (2009; 2015) e Silva e Pena (2017).

Mas, para além do desenvolvimento de competências pessoais ou profissionais, observou-se nos estudantes de Contabilidade o aperfeiçoamento de competências-chave do empreendedorismo, tais como a criatividade e a inovação, assim como a habilidade de planejar e

gerenciar projetos com o propósito de alcançar objetivos, fazer previsões, assumir riscos, persistir, lidar com conflitos, adquirir autocontrole diante de erros e acertos e trabalhar em equipe e aprimorar a capacidade de linguagem e comunicação (Jhonstone *et al.*, 2018; Edokpolor & Somorin, 2017; Rocha & Freitas, 2014; Elmuti *et al.*, 2012; Knotts, 2011; Cheung & Au, 2010; Ilander, 2010; Ruskovaara *et al.*, 2010), tendo assim a vivência realizado grandes contribuições para vida dos estudantes.

Nesse sentido, vale resgatar os seis fundamentos na qual se baseia a aprendizagem experiencial, na visão de Kolb (1984):

- a) *a aprendizagem é mais bem concebida como um processo, e não em termos de resultados.* A forma como foi conduzida a metodologia, em etapas, enfatizou o processo de aprendizagem, com rodadas de discussão e socialização em cada etapa dos trabalhos;
- b) *todo aprendizado é um reaprendizado e, tem importantes implicações na educação.* Muitos paradigmas acerca da realidade, fragilidades e necessidades dos empreendedores frente ao potencial de atendimento dos profissionais de Contabilidade foram quebrados durante a vivência dos estudantes, promovendo a desconstrução e reconstrução de saberes no campo de estudo;
- c) *a aprendizagem requer a resolução de conflitos entre modos de adaptação ao mundo dialeticamente opostos.* Esse ponto foi contemplado ao conflitar o mundo da contabilidade teórica (técnica/normativa voltada para a empregabilidade e o trabalho em grandes corporações) e as necessidades reais de pequenos empreendedores, exigindo criatividade e potencial de adaptação e flexibilização dos estudantes nas resoluções dos problemas postos.
- d) *a aprendizagem é um processo holístico de adaptação, envolve pensamento, sentimento, percepção e comportamento.* Em consonância com o item anterior, a vivência profissional exigiu dos estudantes o desenvolvimento de comportamento empreendedor, em todas as suas características já apresentadas;
- e) *aprendizagem envolve transações (interações) sinérgicas entre as pessoas e o meio no qual estão inseridas.* A interação com o meio foi o que proporcionou todo o incremento de aprendizagem empreendedora
- f) *a aprendizagem é o processo de criar um conhecimento resultante da interação entre o conhecimento social e o conhecimento pessoal.* Sim, pois o desenvolvimento dos aspectos técnicos, o ato de pôr à prova o conhecimento pessoal de cada estudante de seria de pouca efetividade, sem a interação que o conhecimento social proporcionou.

Dessa forma, avalia-se como muito positiva a iniciativa de desenvolver o espírito empreendedor nos estudantes de Contabilidade, com efeitos muito positivos, proporcionados pelo uso da técnica de aprendizagem experiencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de avaliar o alcance da utilização de práticas intervencionistas em sala de aula de Graduação do curso superior em Ciências Contábeis na sensibilização de estudantes para o uso de instrumentos contábeis aliados ao aconselhamento empresarial.

A essa propensão de auxílio ao desenvolvimento empreendedor de pequenas empresas, por parte de profissionais de contabilidade, foi alcunhado o termo contabilidade empreendedora. O contador empreendedor conhece a realidade das pequenas empresas brasileiras, se preocupa com sua sobrevivência, e, para isso, atua junto aos empreendedores, desenvolvendo instrumentos da contabilidade customizados para a necessidade de cada empreendimento, aliados à realização de aconselhamento gerencial para a melhoria do processo de gestão.

De forma simplificada, mas holística, a metodologia proposta para a realização dos trabalhos de campo favoreceu o afloramento do sentimento empreendedor nos estudantes de contabilidade. Competências pessoais e profissionais foram desenvolvidas, com efeitos positivos na geração de conhecimentos contábeis, no desenvolvimento de habilidades profissionais, e principalmente, no estímulo às atitudes empreendedoras. Considera-se também, neste ponto, que a escolha por uma metodologia experiencial foi adequada, haja vista os resultados alcançados na pesquisa, com ênfase nos processos, na quebra de paradigmas e na reconstrução de conhecimentos, com a interação e mediação de conflitos gerados pelo confronto entre as perspectivas teórica e prática em contabilidade, com amplo estímulo ao desenvolvimento de características empreendedoras.

Assim, essa pesquisa contribui à literatura em alguns aspectos: (i) ao promover mais uma constatação de que a educação empreendedora é efetiva e possui potencial de desenvolver competências desejáveis em jovens em formação; (ii) que a aprendizagem experiencial pode ser utilizada com sucesso no âmbito da educação empreendedora; (iii) que a discussão sobre a educação empreendedora e o desenvolvimento de pequenas empresas brasileiras precisa envolver a Contabilidade, a exemplo do que já ocorre em outras regiões do mundo; e (iv) que a combinação de educação empreendedora e prática experiencial pode reestruturar a prática docente com metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

A pesquisa se limita ao pequeno universo estudado, mas abre perspectivas para novas vivências e aprendizagens, em outros contextos brasileiros envolvendo estudantes e profissionais de contabilidade.

REFERÊNCIAS

- Arasti, Z., Falavarjani, M. K., & Imanipour, N. (2012). A study of teaching methods in entrepreneurship education for graduate students. *Higher Education Studies*, 2(1), 110. doi:10.5539/hes.v2n1p2
- Araujo, G. F. de, & Davel, E. P. B. (2018). Educação empreendedora: avanços e desafios. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 6(3), 47-68. doi:10.32888/cge.v6i3.12767
- Athayde, M., & Carvalho, L. E. Jr. (2012). Perfil empreendedor de empresários contábeis: um estudo com profissionais de Minas Gerais. *Anais do Congresso Brasileiro de Contabilidade*, Belém, PA, Brasil, 19.
- Blenker, P., Elmholdt, S. T., Frederiksen, S. H., Korsgaard, S., & Wagner, K. (2014). Methods in entrepreneurship education research: a review and integrative framework. *Education +Training*, 56(8/9), 697-715. doi: 10.1108/ET-06-2014-0066
- Bennett, R. J., & Robson, P. J. A. (2005). The adviser-SME client relationship: impact, satisfaction and commitment. *Small Business Economics*, 25, 255-271. doi:10.1007/s11187-003-6459-3
- Berbel, N. A. N. (2011). As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 32(1), 25-40. doi: 10.5433/1679-0359.2011v32n1p25
- Blackburn, R. A., Carey, P., & Tanewski, G. (2010). Business advice to SMEs: professional competence, trust and ethics. *The Association of Chartered Certified Accountants*. Recuperado em 28 Agosto, 2018, de <http://www.accaglobal.com/pk/en/technical-activities/technical-resources-search/2010/june/trust-and-ethics.html>

- Blackburn, R., Carey P., & Tanewski, G. (2018). Business advice by accountants to SMEs: relationships and trust. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 15(3), 358-384. doi:10.1108/QRAM-04-2017-0022
- Bauman, Z. (2009). Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças. *Cadernos de Pesquisa*, 39(137).
- Brants, J. B., Oliveira, C. S. de, Casemiro, I. P., Licório, A. M. O., & Reboli, R. C. (2015). Empreendedorismo acadêmico no curso de administração da UNIR. *Revista Pretexto*, 16(2), 59-74. doi:10.21714/pretexto.v16i2.2368
- Cardoso, L. L., Bernardo, W. S., Moreira, M. A. (2019). Elementos da contribuição da contabilidade para a sobrevivência de micro e pequenas empresas. *Revista de Empreendedorismo e Inovação Sustentáveis*, 4(2), 75-94.
- Carey, P. J. (2015). External accountants' business advice and SME performance. *Pacific Accounting Review*, 27(2), 166-188. doi:10.1108/PAR-04-2013-0020
- Carey, P. J., & Tanewski, G. (2016). The provision of business advice to SMEs by external accountants. *Managerial Auditing Journal*, 31(3), 290-313. doi:10.1108/MAJ-12-2014-1131
- Cherry, M. (2016). Accounting for trust: a conceptual model for the determinants of trust in the Australian Public Accountant – SME client relationship. *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 10(2), 2016, 3. doi:10.14453/aabfj.v10i2.2
- Cherry, M., McGrath, D., & Baumann, C. (2018). Client intimacy & performance advice: determinants of trust in the public accountant – SME client relationship. *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 12(1), 3-32. doi:10.14453/aabfj.v12i1.2
- Cheung, C. K., & Au, E. (2010). Running a small business by students in a secondary school: its impact on learning about entrepreneurship. *Journal of Entrepreneurship Education*, 13, 45-64.
- Crepaldi, S. A. (2008). *Contabilidade gerencial: teoria e prática* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Degen, R. (2005). *O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial* (8a ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- DeTienne, D. R., & Chandler, G. N. (2004) Opportunity identification and its role in the entrepreneurial classroom: A pedagogical approach and empirical test. *Academy of Management Learning & Education*, 3(3), 242-257.
- Diesel, A., Baldez, A. L. S., & Martins, S. N. (2017). Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. *Revista Thema*, 14(1), 268-288. doi: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404
- Edokpolor, J. E., & Somorin, K. (2017). Entrepreneurship education programme and its influence in developing entrepreneurship key competencies among undergraduate students. *Problems of Education in the 21 Century*, 75(2), 144-156.
- Edelman, L. F., Manolova, T. S., & Brush, C. G. (2008). Entrepreneurship education: correspondence between practices of nascent entrepreneurs and textbook prescriptions for success. *Academy of Management Learning & Education* 7(1), 56-70.

- Elmuti, D., Khoury, G., & Omran, O. (2012). Does entrepreneurship education have a role in developing entrepreneurial skills and venture's effectiveness? *Journal of Entrepreneurship Education*, 15(1) 83-98. Recuperado em 20 Março, 2019, de <http://hdl.handle.net/20.500.11889/2670>
- Fayolle, A., & Liñán, F. (2014). The future of research on entrepreneurial intentions. *Journal of Business Research*, 67(5): 663-666. doi: 10.1016/j.jbusres.2013.11.024
- Fiet, J. O. (2001) The theoretical side of teaching entrepreneurship. *Journal of Business Venturing*, 16(1): 1-24.
- Flick, U. (2009). Introdução à pesquisa qualitativa (3a ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Graevenitz, G. V., Harhoff, D., & Weber, R. (2010). The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 76, Issue 1, 90-112. doi:10.1016/j.jebo.2010.02.015
- Guimarães, J. C., & Lima, M. A. M. (2016). Empreendedorismo educacional: reflexões para um ensino docente diferenciado. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(2), 34-49. doi: 10.12712/rpca.v10i2.715
- Higgins, D., Smith, K., & Mirza, M. (2013). Entrepreneurial education: reflexive approaches to Entrepreneurial Learning in Practice. *Journal of Entrepreneurship*, 22, 135-160. doi:10.1177/0971355713490619
- Hood, J. N., & Young, J. E. (1993) Entrepreneurship's requisite areas of development: a survey of top executives in successful entrepreneurial firms. *Journal of Business Venturing* 8(2), 115-135.
- Ilander, G. P. B. (2010). The use of feature films to promote entrepreneurship. *International Journal Information and Operation Management Education*, 3(3), 284-302. doi:10.1504/IJHOME.2010.033551
- Jhonstone, L., Monteiro, M. P., Ferreira, I., Westerlund, J., Aalto, R., & Marttinen, J. (2018). Language ability and entrepreneurship education: necessary skills for europe's start-ups? *Journal of International Entrepreneurship*, 16, Issue 3, 369-397, doi:10.1007/s10843-018-0230-y
- Kamyabi, Y., & Devi, S. (2011). Use of professional accountants' advisory services and its impact on SME performance in an emerging economy: a resource-based view. *J. Mgmt. & Sustainability*, 1(1), 43-55. doi:10.5539/jms.v1n1p43
- Kirsten, E., Vermaak, F., & Wolmarans, H. (2015). Performance measurement in small and medium enterprises: South African accountants' view. *Journal of Economic and Financial Sciences*, 8(1), 13-34. Recuperado em 31 Agosto, 2018, de <http://hdl.handle.net/10520/EJC170575>
- Knotts, T. L. (2011). The SBDC in the classroom: providing experiential learning opportunities at different entrepreneurial stages. *Journal of Entrepreneurship Education*, 14, 25-38.

- Kolb, David A. (1984). *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Krakauer, P. V. C., Santos, S. A., & Almeida, M. I. R. (2017). Teoria da aprendizagem experiencial no ensino de empreendedorismo: um estudo exploratório. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(1), 101-127. doi:10.14211/regepe.v6i1.353
- Laffin, M. (2009). Ensino da contabilidade: componentes e desafios. *Contabilidade Vista & Revista*, 13(3), 09-20.
- Laffin, M. (2015) Graduation in accounting sciences – emphasis on competences: contributions to the debate. *Education Policy Analysis Archives*, 23(78). doi:10.14507/epaa.v23.1844
- Lautenschläger, A., & Haase, H. (2011). The myth of entrepreneurship education: seven arguments against teaching business creation at universities. *Journal of Entrepreneurship Education*, 14(1), 147-161.
- Leal, E. A., Miranda, G. J., & Nova, S. P. d. C. C. (2017). *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem (1a ed.)*. São Paulo: Atlas Gen.
- Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A., & Silva, D. (2014). Entrepreneurship higher education and students' entrepreneurial intentions in Brazil – Report on the Brazilian GUESSS 2013-2014 [Working Paper N° 2014-05]. *Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo*. São Paulo, Brasil.
- Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1013-1051. doi:10.1111/jsbm.12110
- Loi, M., Castriotta, M., & Guardo, M. C. Di. (2016). The theoretical foundations of entrepreneurship education: How co-citations are shaping the field. *International Small Business Journal*, 34(7), 948-971. doi:10.1177/0266242615602322
- Mahamid, I. (2012). Factors affecting contractor's business failure: contractors' perspective. *Engineering, Construction and Architectural Management*, 19(3), 269-285.
- Matias, M. A., Colares, A. C. V., Rocha, P. M., & Carvalho, L. E. Jr. (2013). O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em ciências contábeis. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 12(35), 63-78.
- Matias, M., & Martins, G. (2012). Educação Empreendedora em Contabilidade. *Revista Brasileira De Contabilidade*, (193), 40-53. Recuperado de <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/975>
- Matos, W. A. (2018). Educação empreendedora: sua importância como fator de redução da mortalidade precoce das micro e pequenas empresas. *Revista Educação-UNG-Ser*, 12(2), 24-30.

- Morris, M. H., Webb, J. W., Fu, J., & Singhal, S. (2013). A competency-based perspective on entrepreneurship education: conceptual and empirical insights. *Journal of Small Business Management*, 51(3), 352-369.
- Neck, H. M., & Greene, P. G. (2011). Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. *Journal of Small Business Management* 49(1), 55-70.
- Passoni, P., & Glavam, R. F. (2018). Entrepreneurial intention and the effects of entrepreneurial education: differences among management, engineering, and accounting students. *International Journal of Innovation Science*, 10(1), 92-107. doi:10.1108/IJIS-05-2017-0042
- Peterson, R. T., & Limbu, Y. (2010). Student characteristics and perspectives in entrepreneurship courses: a profile. *Journal of Entrepreneurship Education*, 13(1), 65-83.
- Pedroso, F., Brito, F., & Caggy, R.C. (2017). Avaliação do perfil empreendedor de estudantes em uma faculdade confessional: estratégias, resultados e limitações na criação de uma cultura universitária empreendedora. *Revista Formadores – Vivências e Estudos*, 10(6), 24-44.
- Rideout, E. C., & Gray, D. O. (2013). Does entrepreneurship education really work? A review and methodological critique of the empirical literature on the effects of university-based entrepreneurship education. *Journal of Small Business Management*, 51(3), 329-351. doi:10.1111/jsbm.12021
- Rocha, E. L., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração contemporânea*, 18(4), 465-486. doi: 10.1590/1982-7849rac20141512
- Rocha, E. L., Bacchi, G. A., Guerra, D. S., Rôla, E. M. R. Jr., & Pinheiro, D. R. D. C. (2011). Ensino de empreendedorismo nos cursos presenciais de graduação em administração em fortaleza: um estudo dos conteúdos e instrumentos pedagógicos. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 12(3), 393-414.
- Rodrigues, S. C. M., Melo, M. C. O. L., & Lopes, A. L. M. (2014). Ensino do empreendedorismo sob a ótica de alunos e professores do curso de Administração de uma instituição de ensino superior (IES) privada em Minas Gerais. *Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL*, 7(2), 198-220. doi:10.5007/1983-4535.2014v7n2p198
- Ruskovaara, E., Pihkala, T., Rytkölä, T., & Seikkula-Leino, J. (2010). Studying teachers' teaching methods and working approaches in entrepreneurship education. *Proceedings of the ESU Conference*, Tartu, Estonia, 22.
- Samujh, R. H., & Devi, S. S. (2008). Professional accountants enabling SMEs reach their potential. *In International Colloquium on Asian Business*, 1-25. Recuperado em 18 Agosto, 2018, de https://www.researchgate.net/profile/Helen_Samujh/publication/228976825_Professional_accountants_enabling_SMEs_reach_their_potential/links/54c6b05b0cf289f0cecbe103/Professional-accountants-enabling-SMEs-reach-their-potential.pdf
- Santos, L. C. B. dos, Vasconcelos, F. N. P., Colares, A. C. V., & Moreira, M. A. (2015). Profissionais da contabilidade engajados no auxílio gerencial às micros e pequenas empresas brasileiras. *Revista Brasileira de Contabilidade*, 210, 56-69. Recuperado em 30 Junho, 2018, de <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/1216>

- Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. (2014). *Pesquisa causa mortis: o sucesso e o fracasso das empresas nos primeiros 5 anos de vida*. São Paulo. Recuperado de http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Anexos/causa_mortis_2014.pdf
- Shepherd, D. A. (2004) Educating entrepreneurship students about emotion and learning from failure. *Academy of Management Learning & Education* 3(3): 274-287.
- Silva, J. F. da, & Pena, R. P. M. (2017). O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401. doi:10.14211/regepe.v6i2.563
- Solomon, G.T., Duffy, S., & Tarabishy, A. (2002). The state of entrepreneurship education in the united states: a nationwide survey and analysis. *International Journal of Entrepreneurship Education*, 1(1), 65-86.
- Tracey, P., & Phillips, N. (2007) The distinctive challenge of educating social entrepreneurs: A postscript and rejoinder to the special issue on entrepreneurship education. *Academy of Management Learning & Education*, 6(2), 264-271.
- Vieira, S. F. A., Melatti, G. A., Oguido, W. S., Pelisson, C., & Negreiros, L. F. (2013). Ensino de empreendedorismo em cursos de Administração: um levantamento da realidade Brasileira. *Revista Ensino e Pesquisa em Administração*, 12(2), 93-114.
- Yusoff, M. N. H. B., Zainol, F. A., & Ibrahim, M. D. B. (2015). Entrepreneurship education in Malaysia’s public institutions of higher learning: a review of the current practices. *International Education Studies*, 8(1), 17-28. doi:10.5539/ies.v8n1p17